

# A PERMANÊNCIA DO MITO DO HERÓI: EDUCAR PELO EXEMPLO

Jennifer Andresa da Silva Cabrera\*

Angela Zamora Cilento\*\*

**RESUMO:** Nosso artigo<sup>1</sup> busca traçar um estudo comparativo entre Aquiles e Superman, enquanto fonte de educação por meio do exemplo vivo. Para tanto, recorremos ao conceito de *areté*, presente desde os tempos homéricos, para pensarmos sobre as alterações ou permanências desse conceito, bem como da presença dos super-heróis na contemporaneidade de modo significativo.

**Palavras-chave:** Narrativa mítica e ficcional. Aquiles. Superman. *Areté*.

## THE PERMANENCE OF THE MYTH OF THE HERO: EDUCATING BY EXAMPLE

**ABSTRACT:** Our article seeks to trace a comparative study between Achilles and Superman, as a source of education through living examples. Therefore, we resort to the concept of *areté*, present since Homeric times, to think about the changes or permanence of these concept, as well as the presence of superheroes in the contemporary world in a significant way.

**Keywords:** Mythical and fictional narrative. Achilles. Superman. *Areté*.

### Introdução

Nossa contemporaneidade, repleta de incertezas e de injustiças sociais, se torna cada vez mais complexa. As categorias de análise em muito não tem dado conta deste cenário competitivo e disruptivo e os jovens muitas vezes não têm encontrado em seu entorno valores dignificantes. As inovações tecnológicas e suas modalidades lhes têm proporcionado, recursos para a busca de informações e conteúdo. Todavia, além dos livros, encontramos nos quadrinhos e no cinema, a permanência do mito do herói, portador de valores que educam, apesar de sua falibilidade recente. Mas, o que os motiva a lerem ou a assistirem sobre estas narrativas?

---

\*Licencianda da Universidade Presbiteriana Mackenzie do curso de Filosofia, bolsista Mack\Pesquisa. Email: [jennifer.andresa.cabrera@gmail.com](mailto:jennifer.andresa.cabrera@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2702-3793>

\*\*Profa. de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Curso de Filosofia, Jornalismo e Publicidade. Doutoranda pela mesma instituição em Educação, Arte e História da Cultura. Bolsista Capes. Mestrado e Graduação pela PUC-SP. Email: [angelazamoracilento@gmail.com](mailto:angelazamoracilento@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3968-6065>

<sup>1</sup> Este artigo é o resultado parcial do projeto de Iniciação Científica de Filosofia-Mack\Pesquisa - ainda em andamento sob o título: Entre Aquiles E Superman: A Permanência Do Mito Do Herói.

Encontramos uma aproximação, neste sentido, das narrativas mítica e fictícia (dos quadrinhos), convergências e particularidades, bem como as virtudes dos heróis próprias a cada momento histórico, pois são os protagonistas do nosso imaginário, dos desejos e da esperança de que o bem prevaleça sobre o mal. A falibilidade dos super-heróis tem se evidenciado nos últimos anos o que os aproxima dos jovens por conta desta vulnerabilidade, incentiva-os a certas ações dignas de imitação. Servem de exemplo vivo, assim como foram para os gregos as narrativas homéricas. É sobre este ponto de vista que pretendemos discorrer neste trabalho.

### O Educar Pelo Exemplo Na Grécia Clássica – Aquiles.

Sócrates, ao realizar sua defesa diante do júri que o condenaria, justifica o seu fazer filosófico perguntando-se se não teria medo de morrer em decorrência desta atividade. Rebate afirmando que um homem de valor não considera isto em seus atos, mas são justos ou injustos, se revelam brio ou covardia e toma Aquiles como seu exemplo. Vejamos esta passagem:

No teu entender, não teriam mérito os semideuses que pereceram em Tróia; entre eles o filho de Tétis, que desdenhava tanto o perigo em confronto com o passar por uma vergonha. Querendo ele matar a Heitor, sua mãe, uma deusa, lhe disse parece que mais ou menos estas palavras: ‘Filho, se matares a Heitor para vingar a morte de seu amigo Pátroclo, tu próprio morrerás: pois – dizia ela – o teu destino te espera logo depois de Heitor.’ Ele, apesar de ouvir a advertência, fez pouco caso do perigo de morte e, porque temia muito mais viver com desonra, respondeu: ‘Morra eu assim que castigue o culpado, mas não fique por aqui, alvo de risos junto das curvas naus, como um fardo da terra (PLATÃO, 1978, p.25).

Ora, encontramos na fala de Sócrates a relevância da figura do herói presentificado em Aquiles aponta para uma outra instância que a abarca: os valores da educação grega revelados pela tradição homérica.

Todavia, o processo histórico em sua dinâmica alterou os valores da moral aristocrática-cavaleiresca para a moral cristã e, mais modernamente, os valores utilitaristas que enfatizam que o bom é aquilo que é útil e agradável. Mesmo assim, encontramos a permanência do mito do herói atravessando os séculos, nos intrigando a este respeito.

Antes mesmo de se falar quem era o herói na Grécia clássica, é imprescindível conhecermos como se deu a educação grega. Para Fonseca(1998, p.2) sua gênese deriva da tradição homérica<sup>2</sup>, de modo especial na obra *Iliada*<sup>3</sup>, pois é nela que surge um modelo ideal, um modelo a ser seguido pelos helênicos

---

<sup>2</sup> Homero, segundo a tradição, teria nascido em Esmirna, no fim do século IX ou no início do século VIII a.C., e seus progenitores seriam originários de Etólia ou Tessália. Pode ter sido um aedo e talvez tenha pertencido a escola de aedos, onde teria aprendido a técnica épica e estudaria a matéria antiga, cretense, aqueia e asiática. Autor de *Iliada* e *Odisseia*, Homero é o modelo de poesia épica, que é citado desde o século VII a.C.

<sup>3</sup> *Iliada* é uma obra que narra o nono ano da guerra de Tróia, a partir do episódio que é conhecido como “A ira de Aquiles” até o funeral de Heitor, uma grande figura entre os guerreiros troianos. *Iliada* é um poema épico, pois toda a sua ação ocorre no campo de batalha.

cujo substrato é o conceito de *areté* “que exprime a forma primeira, original e originária, do ideal educativo grego”. (apud VIEIRA, 2018, p.170).

Este conceito tanto está ligado ao fato de ser nobre – ser virtuoso, isto é, significa ser portador de uma excelência espiritual, mas também ser “dotado de força física, em constante aperfeiçoamento de suas potencialidades, é nele que se fundamenta o caráter aristocrático do ideal de formação dos gregos.” (JAEGER, 1995, p.34) Todavia, continua a ser de difícil tradução para a língua portuguesa. Encontramos, em certos contextos, a referência do fato de alguém pertencer à classe aristocrática e, portanto, possuir riquezas principalmente fundiárias. A *areté* exprime o ideal grego que se revela por uma educação pautada no **exemplo vivo**, ou seja, recorre-se aos exemplos míticos, cujo maior expoente são os heróis. Nos dizeres do filósofo alemão Jaeger (1995, p.30), o herói-protótipo é Aquiles, enquanto modelo de uma moral aristocrática-guerreira potencializadora da *areté*. O herói não se nega à ação, pois possui força suficiente para tal, não se omite, pois se negar a agir significa desonra.

Encontramos, por seu turno, a incorporação desta virtude no plano do mundo dos homens, na figura de Heitor. Tal virtude, apesar do apelo de Andrômaca, esposa do príncipe de Tróia, pressente sua morte e suplica:

Tua coragem te perde, cruel! Não te apiedas, ao menos, de teu filhinho inocente, ou de minha desdita, ficando cedo viúva de ti, quando feros Aqueus te matarem? A ti, somente, eles visam. Bem mais vantajoso me fora que, antes de vir a perder-te, se abrisse o chão duro. Nenhuma outra esperança me resta, colhendo-te o negro Destino (HOMERO, 2011, p.163).

Então, Heitor responde:

Tudo isso, esposa, também me preocupa; mas quanta vergonha dos outros homens, e, assim das Troianas de péplos compridos, eu sentiria se, infame, fugisse às pelepas cruentas. Isso, meu peito proíbe, ensinando-me a ser valoroso e a combater sempre à frente dos guerreiros de Troia, para mor lustre glória paterna e de meu próprio nome. O coração claramente mo diz e a razão mo confirma, dia virá em que Tróia sagrada será destruída, bem como Príamo e o povo do velho monarca lanceiro” (HOMERO, 2011, p.164).

O posicionamento do herói, mesmo sabendo que não sobreviveria ao combate com Aquiles e tomado pela dor ao pensar que tantos anos ainda poderia viver com sua família, reconhece que nada seria mais trágico que perder a sua honra. Jaeger explica que o **eu** não é o sujeito físico, “mas o mais alto ideal de Homem que nosso espírito consegue forjar e que todo nobre aspira a realizar em si próprio. Só o mais alto amor deste **eu**, em que está implícita a mais elevada *areté*, é capaz de ‘fazer sua a beleza.’” (JAEGER, 1995, p.35). Em outras palavras, significa fazer de si mesmo uma ‘obra-de-arte’ (em alusão à filosofia nietzschiana: tornar-se a si mesmo alguém de quem possa se orgulhar), ressaltado na citação quando Heitor fala do valor seu próprio nome.

Ademais, *areté* não está restrita apenas ao indivíduo, antes serve como uma forma de honrar os antepassados que também alcançaram a excelência, isto é, procura estimular a geração presente a equivaler os feitos das anteriores ou até mesmo superá-los. A autoestima leva o herói a viver uma vida que valha a pena – Jaeger afirma que “quem estima a si próprio deve ser infatigável na defesa dos amigos, sacrificar-se pela pátria, abandonar prontamente o dinheiro, bens e honrarias para ‘fazer sua beleza’”. (JAEGER, 1995, p.35). O autor da *Paideia* ainda comenta que Aristóteles ao se referir aos tempos homéricos exalta a coragem destes homens, mesmo correndo o risco de uma morte prematura:

Quem está impregnado de autoestima deseja antes viver um breve período no mais alto gozo a passar uma longa existência em indolente repouso; prefere viver só um ano por um fim nobre, a fazer uma vasta vida por nada; escolhe antes executar uma única ação grande e magnífica, a fazer uma série de pequenas insignificâncias (JAEGER, 1995, p.35).

Dentro dessa concepção, e diferentemente do homem moderno, o herói homérico prefere ter um fim trágico provocado pelas suas ações, muitas vezes desmedidas e que podem levá-lo a *hybris* a viver uma vida pacata e duradoura. Ao abraçar grandes causas e tarefas, tem sua reputação afirmada quando é reconhecida sua bravura e mérito conquistados em batalha.

Em Junito de Souza Brandão, especialmente no terceiro volume de *Mitologia Grega e Latina*, verificamos a importância de explicarmos a origem etimológica do termo ‘herói’, sua origem e quais suas funções e finalidades. Para o autor, o significado consiste em ser “o guardião, o defensor, o que nasceu para servir” (BRANDÃO, 1993, p.15), e daí deduzimos a sua função.

O herói tanto pode ter uma ascendência divina, como Aquiles, ou humana, representada aqui por Heitor. Suas virtudes excedem as da maioria dos mortais e realiza feitos dignos de memória pelas gerações vindouras, o que implica em uma desmesura, um descomedimento que implicará no conceito de *hybris*, que acarretará na morte trágica do herói.

Segundo BRELICH (1978):

virtualmente, todo herói é uma personagem, cuja morte apresenta um relevo particular e que tem relações estreitas com o combate, com a agonística, a arte divinatória e a medicina, com a iniciação da puberdade e os mistérios; é fundador de cidades e seu culto possui um caráter cívico; o herói é, além do mais, ancestral de grupos consanguíneos e representante prototípico de certas atividades humanas fundamentais e primordiais. Todas essas características demonstram sua natureza sobre-humana, (...) E, embora o herói possua uma descendência privilegiada e sobre-humana, se bem que marcada pelo signo da ilegalidade, sua carreira, por isso mesmo, desde o início, é ameaçada por situações críticas. Assim, após alcançar o vértice do triunfo com a superação de provas extraordinárias, após núpcias e conquistas memoráveis, em razão mesmo de suas imperfeições congênitas e descomedimentos, o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico (apud BRANDÃO, 1993, p.19).

O herói excede em habilidades que se potencializam a cada novo embate, tornando-se vencedor e reconhecido, e é justamente este descomedimento que provoca a *hybris* – a falta que será punida com

sua morte trágica. Outro ponto interessante a ser mencionado na esfera da narrativa mítica é a lenda-padrão:

[...] o herói descende de ancestrais famosos ou de pais da mais alta nobreza: habitualmente é filho de um rei. Seu nascimento é precedido por muitas dificuldades, tais como a continência ou a esterilidade prolongada, o coito secreto dos pais, devido à proibição ou ameaça de um Oráculo, ou ainda por outros obstáculos, como o castigo que pesa sobre a família. Durante a gravidez ou mesmo anterior à mesma, surge uma profecia, sob forma de sonho ou de oráculo, que adverte acerca do perigo do nascimento da criança, uma vez que esta põe em perigo a vida do pai ou de seu representante. Via de regra, o menino é exposto num monte ou num 'recipiente', cesto, pote, urna, barco, é abandonado nas águas, as mais das vezes, do mar. É recolhido e salvo por pessoas humildes: pastor, pescador, ou por animais e é amamentado por uma fêmea de algum animal, urso, loba, cabra... ou ainda por uma mulher de condição modesta. Transcorrida a infância, durante a qual o adolescente, não raro, dá mostras de sua condição e natureza superiores, o 'futuro herói' acaba descobrindo, e aqui as circunstâncias variam muito, sua origem nobre. Retorna à sua tribo ou a seu reino, após façanhas memoráveis, vinga-se do pai, do tio ou do avô, casa-se com uma princesa e consegue o reconhecimento de seus méritos, alcançando, finalmente, o posto e as honras a que tem direito. Mas, após tantas lutas, o fim do herói é comumente trágico. A grande glória lhe será reservada *post mortem* (BRANDÃO, 1993, p. 20).

Como reiterado, o herói possui uma ascendência diferenciada, o seu nascimento já profetizado anteriormente. Geralmente, exposto e separado do seu berço originário que só será descoberto posteriormente. Via de regra, possui um nascimento complicado como por exemplo, Perseu<sup>4</sup> e Hércules<sup>5</sup>. Geralmente, são descendentes de uma mortal com um deus, a criança (herói) tem além dos pais carnis, dois padrinhos os quais devem cuidar da saúde espiritual da criança.

Aquiles, tomado aqui como nosso exemplo, é filho do rei de Peleu e da deusa Tétis, uma titânida - filha da união de Urano com Gaia. Aquiles é considerado quase imortal, posto que sua mãe o banhou no Rio Estige ainda recém-nascido, segurando-o pelo calcanhar, sua única parte vulnerável. Confiado por Peleu ao centauro Quíron, também mestre de muitos outros heróis, recebe uma educação diferenciada calcada nas narrativas das sagas mais antigas, ensinamentos sobre caça, artes cavaleirescas e medicina. A educação do herói está centrada na ideia de que ele deveria atingir aos mais altos patamares da glória.

---

<sup>4</sup> No mito de Perseu, encontramos o rei de Argos que teve uma filha, e como queria muito ter um filho foi consultar o Oráculo. Este não se atreveu a dizer nada além de que sua filha Dânae teria um filho que viria a matá-lo. Então, o rei colocou sua filha e uma ama trancadas uma câmara de bronze subterrânea. Zeus penetrou esta inviolável câmara e engravidou a princesa. No dia em que teve conhecimento do neto (Perseu) o rei mandou matar a ama e fechou mãe e filho num cofre de madeira e os lançou no mar. Díctis, um pescador, que era humilde apesar de ser irmão do rei Policidectes, resgatou, conduziu e sustentou Dânae e Perseu, que cresceu alto, esbelto e destemido. O rei tirano Policidectes apaixonado pela mãe, vendo no filho um empecilho, um dia os convidou para jantar, e no curso do mesmo perguntou qual seria o presente que os amigos lhe desejavam oferecer. Então, Perseu perguntou ao Rei se ele desejaria a cabeça da Medusa, o que prontamente aceitou.

<sup>5</sup> Zeus se apaixona pela rainha Alcmena, esposa de Anfitrião. Para obter os favores da rainha, se metamorfoseia em Anfitrião. Após várias noites de amor, Alcmena concebeu dois filhos, um de Zeus, Hércules e um de seu marido, Íficles. O próprio rei percebe que Hércules tem dotes especiais e prima pela sua educação. Suas desventuras começam quando ele, atacado pelas Eríneas, mata sua esposa e seus filhos.

A narrativa do herói está ligada à Guerra de Tróia, em especial ao nono ano da guerra, ocorre nas praias onde estão acampados os guerreiros gregos, diante dos muros de Tróia.

FIGURA 1 – AQUILES. ESTÁTUA DE ACHILLES NO PALÁCIO DE ACHILLION CORFU.



Fonte: Depositphotos. Id: 79364246, 2020

O início de toda a ação se dá através de um desentendimento entre Aquiles, o maior guerreiro grego, com Agamenon, o comandante das tropas gregas, que acaba lhe tomando um prêmio obtido em batalha: o comandante obriga Aquiles a lhe entregar Briseida, uma donzela troiana capturada. Depois disso, o herói retira-se do acampamento com seus homens e declara que voltará à Grécia. Aquiles pede então à sua mãe, uma titânida, que interceda junto a Zeus em seu favor. Então, o deus passa a favorecer os troianos, para que os helenos sofrendo muitas derrotas, conclamem o seu retorno ao campo de batalha e se retratem por toda a humilhação que o herói passara.

Por conta da morte de Pátroclo pelo príncipe troiano, Aquiles decide guerrear em favor dos gregos e promete não enterrar o amigo enquanto não tiver a cabeça de Heitor. Brandão nos elucidava que “apesar de haver nascido com uma *timé* e uma *areté* especiais, o herói terá que preparar-se para a execução de suas magnas tarefas. É precisamente a esse preparo que se dá o nome de educação do herói.” (BRANDÃO, 1993, p.25). O termo *timé* é melhor traduzido como honra, como no desentendimento tido entre Aquiles e Agamenon, em que a *timé* do herói foi humilhada. Sabemos que o fim trágico de

Aquiles se deu pelas flechas precisas de Páris, irmão de Heitor, após inúmeros troianos terem sido dizimados pelo herói, lançadas contra seu calcanhar. Aquiles, sem dúvida, é um dos grandes exemplos da *areté* grega que alimentou gerações de homens a travarem os grandes combates que perfizeram a história grega com heroísmo.

Assim, desde os tempos homéricos a figura do herói povoa o imaginário da cultura ocidental e de muitos outros povos, o que nos faz considerar as suas histórias estruturalmente. Não seria mais simples dizer que o herói, seja ele de procedência mítica ou histórica, seja ele de ontem ou de hoje, é simplesmente um arquétipo que ‘nasceu’ para suprir muitas de nossas deficiências psíquicas? De outra maneira, como se poderia explicar a “similitude estrutural de heróis de tantas culturas primitivas que, comprovadamente, nenhum contato mútuo e direto manteve entre si?” (BRANDÃO, 1993, p. 20).

Neste percurso, pudemos estruturar a formação dos valores do povo grego e dos seus princípios ilustrados pelo conceito de *areté* que envolve o termo *timé* e que implica também em *hybris*, encontrados na figura de Aquiles e incorporados pelos homens enquanto uma moral guerreira e cavaleiresca<sup>6</sup>. Restamos agora estabelecer as analogias com um outro super-herói que advém de uma outra forma de narrativa, mais contemporânea, a das histórias em quadrinhos. Uma narrativa fictícia por meio da figura do Superman.

### **A efetivação das virtudes em Superman.**

Joe Shuster e Jerry Siegel são os criadores de um dos personagens mais conhecidos dos quadrinhos da cultura ocidental: Superman. É publicado pela DC Comics, uma empresa filiada a Time Warner. A primeira narrativa do herói remonta a 1938 na *Revista Action Comics 1*. Um ano depois, o super-herói já passa a ter uma Revista com o seu próprio nome – *Superman 1*. Sua popularidade se estende ao longo dos anos e suas histórias passam a ser narradas por outras mídias: cinema, rádio e televisão, encantando o público.

Segundo Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados*, Superman veio de Crípton<sup>7</sup>, seu planeta de origem, prestes a ser destruído por uma catástrofe. Enviado por sua mãe (Lara-El) e seu pai (Jor-El), um hábil cientista, conseguiram enviar seu filho (Kal-El) ainda bebê à Terra, através de um veículo espacial. A espaçonave aterrissa, então, na pequena cidade de Smallville nos Estados Unidos. Kal-el é acolhido e educado pelo casal Jonathan e Martha Kent que lhe deram o nome de Clark. Conforme cresce, Clark vai descobrindo aos poucos seus poderes sobre-humanos, como por exemplo, sua super-força, praticamente ilimitada, a habilidade em poder usar raio laser e a sua visão de raio X. Além disso, “pode voar no espaço

---

<sup>7</sup> O autor utiliza o termo Crípton. Contudo, a grafia mais conhecida é Krypton. Optamos por seguir, aquela.

a uma velocidade igual à da luz, e quando ultrapassa essa velocidade, atravessa a barreira do tempo e pode transferir-se para outras épocas.” (ECO, 1998, p.247).

A educação recebida pelos seus pais adotivos incentiva o super-herói a primar por valores virtuosos. Mais velho, Clark decide se mudar para uma cidade maior – Metrópolis e passa a trabalhar como repórter no *Planeta Diário*, onde conheceu Lois Lane, seu grande amor. Procura empregar seu tempo no combate ao crime, mas para preservar a família e os amigos, cria uma segunda identidade. Em suas aventuras se defronta com Lex Luthor, um homem rico que empreende suas forças na conquista de mais poder e que será seu grande arqu-inimigo. Apesar de todos os poderes, Superman tem uma fraqueza – a Kryptonita, um mineral verde e brilhante que em proximidade à figura do herói, o deixa vulnerável.

### **Exemplos Que Educam – Um Esboço Comparativo Entre Aquiles E Superman.**

Em nosso estudo comparativo, pudemos levantar algumas semelhanças entre as narrativas míticas e fictícias - entre o herói grego Aquiles e o contemporâneo, Superman, sem a menor pretensão de esgotarmos todas as possibilidades. Primeiramente, eles não são humanos, Aquiles tem uma ascendência divina por parte de mãe e Superman nasce em outro planeta. São dotados de uma força descrita como sobre-humana e praticamente invulneráveis. No entanto, cada um possui uma fragilidade bem específica: o calcanhar em Aquiles e a Kryptonita, um mineral, para Superman.

Aquiles é o exemplo vivo de *areté*: sua força e suas habilidades bélicas são postas em prática em defesa de seu próprio nome, para sua autoglorificação e de sua estirpe. Seus feitos são testemunhados por todos os gregos presentes na Guerra de Tróia e seu nome, tornado imortal pela rememoração de sua bravura pelas gerações posteriores. Neste momento histórico, o que de fato importa para estes homens é aquilo que realizaram em vida, este seria o seu ‘eu real’, posto que a morte os leva a um estado miserável no Hades. A relação com a morte física toma um sentido completamente diferente daquela que será elaborada a partir do século VI com a filosofia órfica. Robinson reitera esta ideia:

É manifesto que, para os gregos antigos (tal como retratado, por exemplo, nas obras de Homero), o corpo consistia no eu ‘real’ do indivíduo. Pode ser que seu princípio vital (literalmente, ‘vida’, *psyche*) tenha sido considerado diferente do corpo e até sobreviver à morte deste, mas isso era um consolo pequeno; o que sobrevivia, o fazia num estado miserável e indesejável no Hades, não importado a virtude da vida do indivíduo sobre a terra (ROBINSON, 1998, p.335).

Desta forma, Aquiles garante a imortalidade de seu nome e atinge o próprio ideal de homem, conforme vimos nas considerações de Jaeger, fazendo de sua existência uma obra-de-arte, a ‘sua beleza’, conclamando todos os homens a fazerem o mesmo. Neste sentido, a narrativa fictícia de Homero, educa pelo exemplo.

Por seu turno, Superman também é dotado de poderes, porém age por uma motivação diferenciada – não busca a autoglorificação, nem procura remontar aos feitos realizados pelos seus



ancestrais. Aqui reside uma diferença crucial entre os dois heróis. Enquanto o conceito de *areté*, forjado no período homérico e se realiza em Aquiles, Superman, nos parece, estar mais alinhado ao ideal de educação grega - a Paideia - cuja tessitura se dá no período clássico. Neste, o conceito de *areté* não prescinde da força física, da destreza e da bravura, mas incorpora um outro termo: *Kaloskagathia* que designa não apenas a beleza resplandecente como a dos deuses, mas implica em uma beleza interior que se origina da retidão de sua conduta moral estabelecendo uma associação entre belo e bom. O corpo belo passa a ser o suporte da beleza moral, a ser exercitada. Superman, portanto, não é apenas detentor de um belo corpo que potencializa sua força e habilidades naturais, mas diferentemente de Aquiles, age moralmente, em prol da humanidade que ele colocou sob sua tutela.

Um terceiro ponto a ser assinalado é que tanto Aquiles ou Superman não se abstém de agir, mesmo nas situações mais delicadas. Enquanto a maioria dos homens desistiria de enfrentar certos desafios, para eles, os obstáculos servem de estímulo. Potencializam sua *areté*. Isto, entretanto, não significa que eles não sintam medo. Heitor, por exemplo, sabia que seu embate com Aquiles o levaria à ruína. Mesmo assim, o fez. Ao exigirem mais de si mesmos, alcançam o mérito e a beleza que anseiam.

Por último, em ambos, a honra é dignificada como símbolo da *timé*. No mundo arcaico está intimamente relacionado com a reputação pública, pois como vimos a imortalidade está ligada aos feitos dos heróis que são lembrados e perduram no tempo. A honra assegura ao herói o seu próprio valor, distinguindo-o das pessoas comuns. Aquiles requisita para si esta reputação, pois assim se configurava o ideal de seu tempo. Em Superman a fama, nos parece, ter um valor secundário, posto que não age para obtê-la, mas decorre dos seus feitos. Não são comprados por ninguém – não estão à venda, não agem por interesses escusos e servem de inspiração para os leitores de todos os tempos. Sua presença é encorajadora.

Figura 2 – Ilustração Superman.



Fonte: Artegeek , ilustração, color.

Portanto, podemos inferir que as categorias que implicam na descrição mítica do herói forjada pelos gregos no conceito de *areté* permanecem no decorrer do tempo. Contudo, se tornam parcialmente alteradas na contemporaneidade nas narrativas ficcionais. Em seguida, também podemos afirmar que estas narrativas se tornam pedagógicas à medida que explicitam o ideal de homem, por meio da figura do herói.

No que tange ao Superman, perguntamo-nos por fim, se a sua dupla identidade proporciona ao seu leitor/espectador uma maior identificação com o personagem. Clark Kent trabalha, possui responsabilidades, é cobrado pelo chefe etc., ou seja, se apresenta como um sujeito como qualquer outro, e acolhe em si alguém capaz de superar as dificuldades, as injustiças e o mal. Umberto Eco, por seu turno, nos apresenta uma análise diferenciada sobre esta questão: para ele, o leitor deposita todas as esperanças no Superman e todas as frustrações na identidade de Clark Kent, levando-o à uma fragmentação:

Em uma sociedade particularmente nivelada, onde as perturbações psicológicas, as frustrações, os complexos de inferioridade estão na ordem do dia a dia; em uma sociedade industrial onde o homem se torna número no âmbito de uma organização que decide por ele, onde a força individual, se não exercitada na atividade esportiva permanece humilhada diante da força da máquina que age pelo homem e determina seus movimentos mesmos do homem – numa sociedade de tal tipo, o herói positivo deve encarnar, além de todo limite pensável, as exigências de poder que o cidadão nutre e não pode satisfazer. (ECO, 1998, p. 246).

As considerações realizadas por Eco nos levam a refletir sobre a sujeição dos indivíduos ao sistema de modo que as suas potencialidades estejam cada vez mais inibidas, a tal ponto que acabam mesmo por desconhecê-las. Vários fatores podem aqui ser elencados: o desemprego crescente devido ao processo de desindustrialização que lança os sujeitos ao desespero e que passam a ansiar apenas pelo seu sustento. O desinvestimento na vida urbana pelo capitalismo financeiro. A degradação irreversível do meio ambiente, a corrosão moral das figuras públicas e a educação como forma de reprodução do *status quo*, fabricando corpos dóceis e aptos ao trabalho. Ora, quanto este tipo de educação nos distanciou dos ideais gregos? São cada vez mais raras as oportunidades que os alunos têm para conhecerem a si mesmos e perceberem suas habilidades, quanto mais exercitá-las!

Neste sentido, Umberto Eco nos assinala que Clark Kent é, aparentemente, um homem comum dissolvido na multidão, como todos os outros. Clark está no chão, enquanto o Superman flutua no ar: ele se encontra em uma outra esfera da qual Kent não pode participar. Kent está destituído de sua potencialidade – que estaria representada pelo super-homem, como se nenhum dos homens, pudesse trazer o super-herói para si, como se não pudesse se apropriar daquilo que, em potência, pode ser. A fragmentação que Eco retrata é a frustração de todos os ‘Kent’ (todos os homens comuns) que se veem como uma peça na engrenagem, da qual não podem fugir.

No entanto, esta fragmentação não retira a admiração do público pelo personagem - ela é incontestável. Ora, mas o quê esta audiência revela, então para nós? Quais seriam as correspondências entre o Superman e o público? Umberto Eco nos elucida:

[...] Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um processo de identificação, um *accountant* qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade (ECO, 1998, p. 248).

Para além das afirmações do pensador italiano sobre a figura do Superman, mas sem prescindirmos delas, um dos objetivos propostos aqui incide justamente nas discussões concernentes à atração ainda hoje exercida pelos heróis. Na dupla identidade do herói contemporâneo, aos nossos olhos, os jovens podem se identificar, pois se o super-herói está ‘abrigado’ aparentemente num corpo comum, como o de Clark Kent (mas podemos pensar em Bruce Wayne ou Tony Stark, etc.), por que não poderia surgir um super-herói que está submerso/imerso nele mesmo?

As ações dos heróis suscitam não apenas a admiração, antes inspiram imitação, estimulam a superação de medos e de barreiras que serviriam de obstáculo, se tornam ‘molas propulsoras’ para os jovens no exercício de suas próprias potencialidades – a trajetória daqueles os convida a fazerem o mesmo. Em um cenário tão corrosivo como o nosso, onde as referências são ambíguas, as narrativas ficcionais deste gênero se tornam valiosos recursos pedagógicos: promovem valores significativos em prol do autoconhecimento e da dignidade da vida humana.

Por fim, das revistas em quadrinhos às aventuras no cinema, o fato é que estas narrativas fictícias, tanto em uma modalidade quanto em outra, são de grande sucesso da indústria cultural. Este conceito (em alemão *Kulturindustrie*) foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Membros da Escola de Frankfurt, os dois filósofos alemães empregaram o termo pela primeira vez em *Dialética do Esclarecimento*, publicada somente em 1947. Basicamente, a indústria cultural idealiza produtos adaptados ao consumo das massas, podendo determinar esse consumo trabalhando sobre o estado de consciência e inconsciência das pessoas, influenciando o seu comportamento. Mas a grande ênfase deste conceito reside no lucro obtido pelo consumo das massas, simplificando por meio de ‘ilusões’ padronizadas o potencial artístico e cultural.

No nosso entender, embora as narrativas se tornem produtos da indústria cultural, com retornos bilionários dos investimentos realizados, isto só acontece, porque, de fato, o público anseia, mesmo em pleno século XXI, pela figura do herói que permanece como o modelo de um ideal de homem que não deve ser esquecido.

## Considerações Finais

Nosso artigo procurou evidenciar a permanência do mito do herói que se faz presente desde o período homérico à luz das categorias que compreendem o conceito de *areté* de forte impacto para a formação do homem grego. *Areté* em Homero compreende a força, a destreza, as habilidades físicas e bélicas, mas também a *timé* (a honra), como pudemos observar em Aquiles e também em Heitor. As ações empreendidas pelo herói servem como um exemplo vivo, na busca pela realização de um ideal de homem constituído a partir da narrativa mítica.

Em seguida, nossos estudos comparativos entre narrativas mítica e fictícia permitiram a compreensão tanto das mudanças quanto das permanências dos valores herdados da cultura helênica, quando da análise dos heróis Aquiles e Superman. Este, em grande parte realiza o conceito de *areté* modulado por Homero. Todavia, o super-herói não busca a autoglorificação, nem a fama é a sua prioridade. Nele encontramos a *areté* enquanto *Kalosgathia*, termo que alia a beleza e virtude moral que será forjado apenas no período clássico.

Por fim, nos perguntamos se a figura do super-herói na contemporaneidade pode ainda promover um caráter educativo. Embora Umberto Eco nos apresente a ideia de fragmentação advinda da dupla identidade dos super-heróis, ousamos inferir há entre eles e os jovens (de todas as idades, por sinal) uma correspondência, pois as ações dos super-heróis não são inibidas ou tolhidas em prol do bem, o que provoca admiração e suscita nos jovens, o exercício das boas ações, convidando-os a descobrirem o super-herói que abrigam dentro de si mesmos.

Ainda nos questionamos sobre o recorde de público e de audiência dos produtos gerados pela narrativa ficcional – nos quadrinhos e no cinema. Não descartamos a eficácia da indústria cultural em todos os seus efeitos, porém queremos acreditar que a permanência dos heróis ao longo do tempo reside no fato de que sua existência estimula o que há de melhor no homem. A propósito vale lembrar a crescente produção cinematográfica sobre este tema o que nos remete ao discurso da professora Marilena Chauí: “Como o livro, o cinema tem o poder extraordinário, próprio da obra de arte, de tornar o presente o ausente, próximo o distante, distante o próximo, entrecruzando realidade e irrealidade, verdade e fantasia, reflexão e devaneio.”(CHAUÍ, 2000, p.428). Portanto, o cinema, potencialmente, pode se tornar um ótimo exercício de pensamento.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodoro; HORKHEIMER, Max. **DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: FRAGMENTOS FILOSÓFICOS**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARTEGEEK. Superman. Ilustração, color. Autorização sob n. 74854 em 23.11.2020. Disponível em: <https://www.artgeek.com.br/quadro-tela-superman-colorido-50x70>
- BARTHES, Roland. **MITOLOGIAS**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **MITOLOGIA GREGA E LATINA. Vol. III**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. **CONVITE À FILOSOFIA**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ECO, Umberto. **APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- ELIADE, Mircea. **MITO E REALIDADE**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HOMERO. **ILÍADA**. São Paulo: Hedra, 2011.
- JAEGER, Werner. **PAIDÉIA: A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAXUTOV, Maxim. Superman. **Depositphotos**, il. color. Autorização # 199169898 Data: Nov 20, 2020
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates* in. **DIÁLOGOS**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- ROBINSON, Thomas A. *As Características Definidoras Do Dualismo Alma-Corpo Nos Escritos De Platão*. in **Letras Clássicas**, N. 2, 1998, p. 335-356.
- ROSA, Alexandre. *A Areté na Aristocracia Homérica*. **Presença Clássica**, v. 2, n. 32, 2016 ,p.10-23. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliopo/article/view/8812/8684> acesso 22\abr\2020
- VIEIRA, Paulo Eduardo. *A Gênese da Educação Grega: da areté homérica à Paideia clássica*. In **Revista Filosofia E Educação**, v.10 ,n. 1,2018, p.166–183. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652004> acesso 22\abr\2020
- WABENO, Aleksandar Jovic. ESTÁTUA DE ACHILLES NO PALÁCIO DE ACHILLION CORFU. **Depositphotos**, escultura, p&b. Autorização # 199169496 Data: Nov 20, 2020.

*Recebido em: 18 de agosto de 2020.  
Aprovado em: 23 de outubro de 2020.*